



Elogio Academico

DA SENHORA

D. MARIA PRIMEIRA

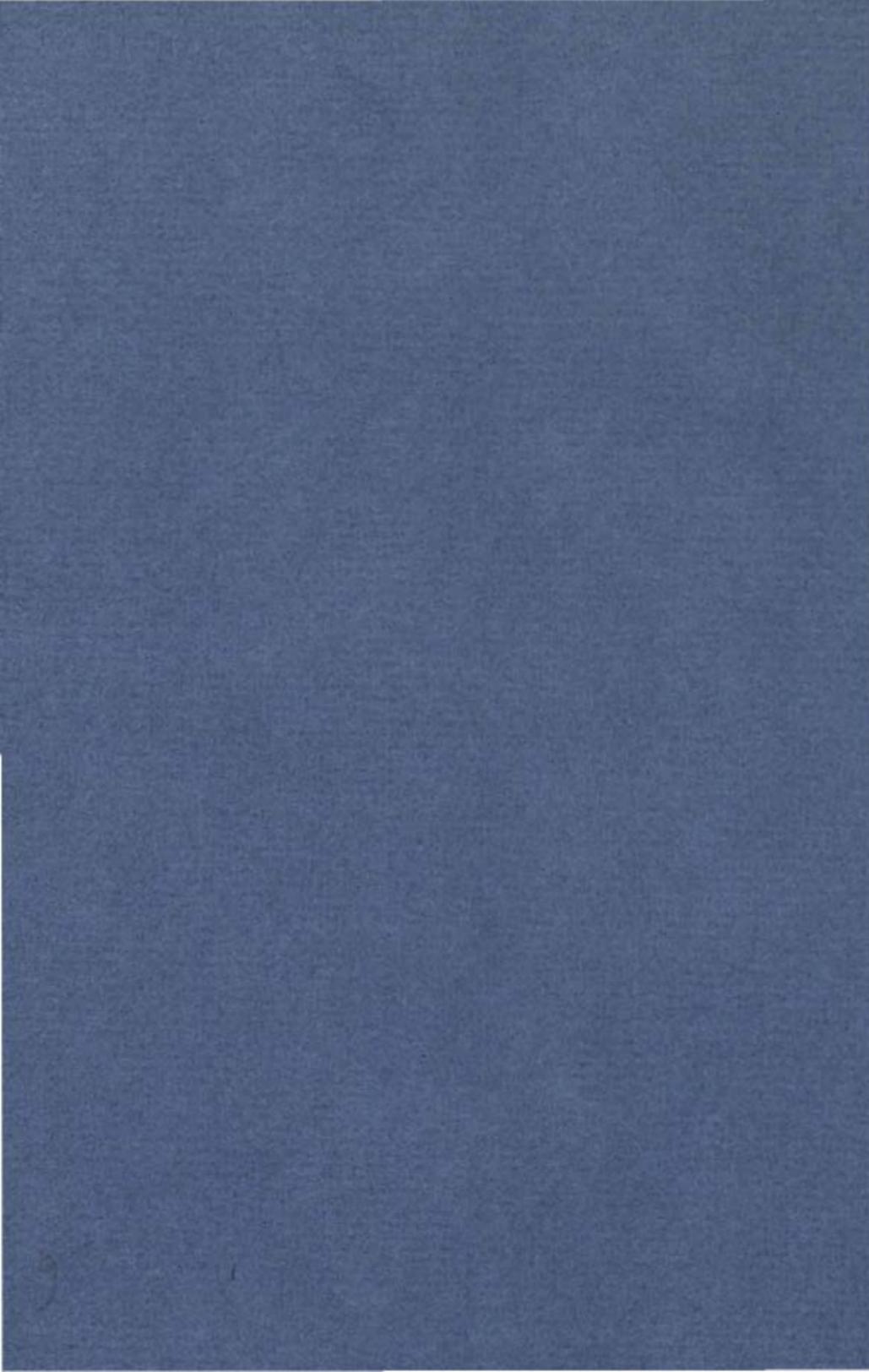
POR

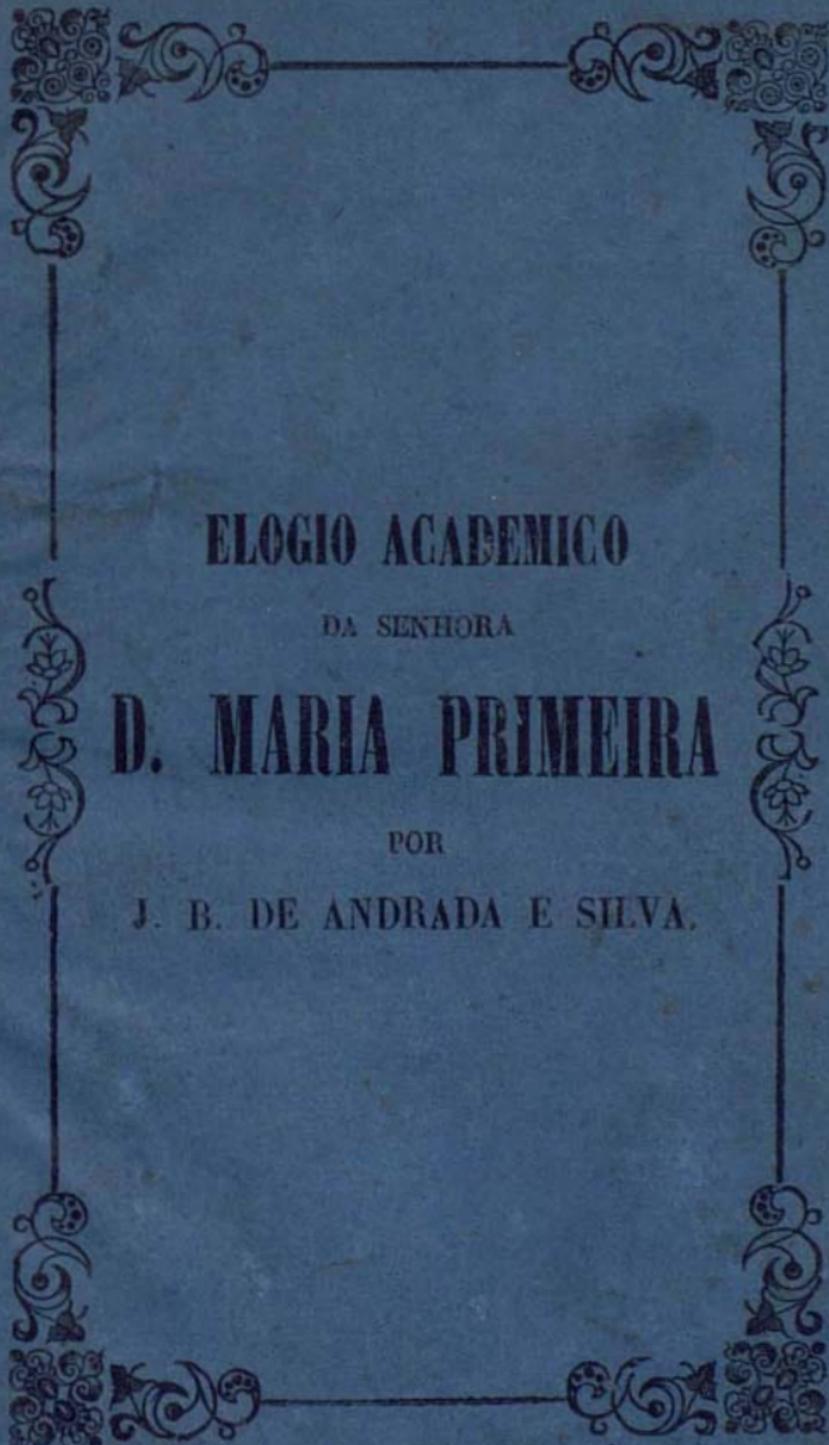


J. B. DE ANDRADE E SILVA

1857







ELOGIO ACADEMICO

DA SENHORA

D. MARIA PRIMEIRA

POR

J. B. DE ANDRADA E SILVA.

ELOGIO ACADEMICO

DA SENHORA

D. MARIA PRIMEIRA

RECITADO POR

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

EM SESSÃO PUBLICA

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

Aos 20 de Março de 1817

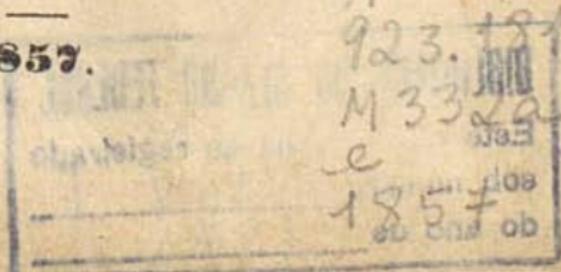


RIO DE JANEIRO

EMPRESA TYPOG. (E. L.) DOUS DE DEZEMBRO

66 — PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO — 66

1857.



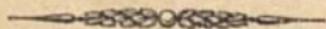
BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 309-F

do ano de 1978

AO PUBLICO.



Entre os escriptos ineditos, de que fui legatario, por morte de meu sempre lembrado irmão José Bonifacio de Andrada e Silva, escolhi, para ser primeiro impresso, o Elogio da Senhora D. Maria I, recitado por elle em sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa, aos 20 de Março de 1817, que ora offereço ao publico. O publico apreciando a verdade dos factos, as bellezas de huma linguaagem pura e castiça, mas sem affectação, os conhecimentos variados, e o rigor de seus principios, tanto em moral como em politica, e dest'arte avaliando o quilate de merito, que cabe á esta producção, assignará ao seu author o lugar, que deva occupar entre os Condorcets, e Vic-d'Azirs, e decidirá então se eu acertei na escolha. Devo ainda huma ultima revelação, e vem a ser, que o motivo principal,

e que mais pesou na balança das minhas considerações, foi o desejo de, renovando as saudades de huma Rainha, tão recommendavel por suas virtudes publicas e particulares, renovar tambem a dôr, e as saudades do seu Elogiador no meu coração, no de seus parentes, e no de todos aquelles, que cultivarão a sua amizade, e á ella forão sempre fieis.

M. F. RIBEIRO DE ANDRADA.

Tendo o Exm. Sr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada nos offertado, em signal da amizade com que nos honra, e a qual estamos longe de merecer, o manuscripto do presente Elogio; gostoso nos apressamos a publical-o como mais um signal da veneração e do respeito que consagramos ás sempre choradas cinzas do Patriarcha da nossa Independencia.

Possa este nosso diminuto serviço, á par de outros que igualmente havemos feito, tornar-nos aos olhos de seus Illustres Irmãos (á quem o Brasil tanto deve, e para quem tão ingrato tem sido), sempre digno da estima, que de longe lhes merecemos, em quanto d'ella nos tornarmos digno.

F. de Paula Brito.

Maio de 1839.

ELOGIO ACADEMICO.

..... Vacuum duellis
Janum Quirini clausit, et ordinem
Rectum evaganti frena licentiæ
Injecit, emovitque culpas;
Et veteres revocavit artes.

(*Hor. od. XIII v. 8.*)

Este ajuntamento extraordinario, esta Assembleia d'Academicos, seu silencio, seu semblante triste e magoado mostrão bem, Srs., o porque hoje nos juntamos nesta sala. Sim, aqui nos juntamos para ouvirdes neste primeiro dia anniversario de morte e de saudade, o Elogio da muito Alta, e mui Poderosa Rainha de Portugal, a Sra. D. Maria I, de immortal memoria!

A pintura das acções insignes attrahe sempre a nossa attenção. A principio esperta nossa curiosidade, depois alcança nossa admiração.

A impressão do bello e do sublime dilata o coração e augmenta a consciencia de nossas proprias forças. Ao prazer immediato que causa, acompanha logo hum desejo obscuro de imitação, que afagado depois e cultivado, cria por fim este enthusiasmo, donde brotão os grandes feitos. O philosopho, que estuda o coração humano, aproveita estas nobres disposições da natureza, e procura desenvolver com a eloquencia da palayra, o germen precioso das virtudes, que a Divindade encerrou em nossos peitos. Eis aqui os fructos que produzem os Elogios, quando sabem retratar com verdade e energia o character dos Heroes.

He por este motivo, Srs., que de longos annos usarão Grecia e Roma render publicos cultos em seus panegyricos á memoria dos Benemeritos; e com razão usavão; porque nada ha mais util para o exemplo e imitação, como já disse, que conservar viva a lembrança das virtudes e acções que honrão a humanidade. E que mais nobre consolação podião inventar animos agradecidos para mitigar sua dor, que elogiar o merito dos finados, e immortalisar o seu nome? Assim Pericles, devendo na praça

publica de Athenas tecer o elogio dos cidadãos que acabavão de morrer pela Patria, depois de exordiar, louvando os usos e costumes da sua Republica, passa a celebrar suas virtudes; consola os parentes e amigos, e acaba admoestando os presentes que imitem suas acções, e saibão morrer tambem pela Patria e pela honra.

Este uso antigo e santo de recitar panegyricos, até de Principes vivos e perante os mesmos, cujos modelos nos deixarão os Plinios e Pacatos, foi depois geralmente seguido em toda a Europa. E não pareça que o adoptara somente a servil adulação; porque era justo que os optimos Principes folgassem de ouvir louvadas suas acções, e aprendessem os máos tambem, ao menos deste modo, o que devêrão ter feito, e o que devião fazer. E, dado o caso, que os panegyricos dos máos Principes por falsos sejam aborrecidos, os dos bons são sempre ouvidos com gosto e aproveitamento; por que louvar hum soberano virtuoso he accender farol em torre altissima, para atinarem os outros a carreira; he modo de ensinar e admoestar os homens com brandura e sem especie de

soberba, como diz Plinio. He justo por tanto que a Academia Real das Sciencias, que á Sra. D. Maria I deveo a fundação e manança, não fique muda, quando tantos Oradores Sagrados e Poetas tem celebrado á porfia os feitos e virtudes da sua incomparavel Rainha. Seria ingratição indesculpavel que a Academia repousasse sobre trabalhos alheios, e não tomasse parte nesta divida sagrada; seria vileza pouparamo-nos, quando os outros trabalhão.

He dever dos sabios, Srs., honrar a virtude; rasgar a nuvem do tempo que tudo ousa envolver em amortecido esquecimento, e encomendar á immortalidade o nome daquelles, que ennobrecem nossa especie. Em seus Elogios expõem as Academias á veneração dos seculos os que a merecem; e pagão aos mortos a divida dos presentes, não raramante ingratos para com os vivos.

E porem de huma Academia de Sciencias deveis querer, Srs., obra que seja digna de tão alta Seberana, e digna d'Academia; obra que reuna em si brevidade succosa, elegancia de imagem, pureza de estylo, vehemencia que mova, doçura que encante, precisão e novi-

dade de ideias que instrução, convenção e arrebatem o entendimento. O órgão porem de que se quiz servir a Academia, he certo incapaz de satisfazer a vossas miras e desejos.

Desejara eu, Srs., para vossa satisfação e honra da Academia, que tivesse ella escolhido entre tantos socios que possui, cheios de saber e de talentos, qualquer outro orador que melhor podesse desempenhar hum tão sublime assumpto.

Em verdade, Srs., se eu ousasse voluntariamente tomar sobre meus hombros este peso incomportavel, poderieis vós com razão accusar-me de presumpção reprehensivel e temeraria; mas eu obedeci, porque cumpria obedecer. Bem sentia ser meu cabedal sem proporção á tamanha empreza, e mormente tendo de tratar a materia perante huma Assembleia douta e tão distincta; e ainda mais, devendo escrever para a vindoura idade. Bem sinto eu que o aço natural do engenho, se o tive outr'ora, está enferrujado e já quasi gasto de todo; e que meu espirito se acha por molestia, estudos seccos, e occupações avêssas á eloquencia, já embotado e decepado para obras

de primor. De mais: como ousarei eu neste primeiro dia anniversario da morte da nossa amabilissima Rainha, dar gala ao discurso, quando o coração ainda está coberto de luto? Quem poderá hoje ter livre e folgada a razão para não dizer senão o que cumpre dizer, e dizel-o como cumpre? Em hum dia, em que talvez as lagrimas devião ter mais exercicio que as palavras, melhor me fôra, Srs., emmu-
decer que fallar; porque o sentimento do coração escurece as luzes da razão, e prende os vôos da eloquencia.

E todavia, Srs., he forçoso moderar a minha dôr para desempenhar a minha obediencia. E para que serve recordar de continuo perdas irreparaveis? Cumpre aos sabios supportar com resignação e valor os males que não tem remedio. Se o pranto pudera mudar a natureza das causas, eu tambem ajuntaria huma lagrima se quer á tantas outras já vertidas. Mas estes lamentos, sobre inuteis, são nescios; e he melhor então o silencio, que a vã fadiga dos queixumes. Nem eu subi a este lugar para alardear sensibilidade; subi para obedecer á Academia.

Porem, se o vosso preceito me desculpa, anima-me tambem (dil-o-hei sem susto), anima-me a vossa escolha; anima-me a vossa presença; pois espero que o mesmo espirito, que tantas vezes vos inspirára grandes ideias, e sublimidades de eloquencia, talvez queira tambem guiar-me, para me não desvairar de todo em tão difficil e fragosa carreira. Conso-la-me igualmente a ideia, que para tecer o elogio de Maria, a quem devo grande parte desse pouco que sei, não preciso dos ardís da arte, nem de inuteis rasgos de huma eloquencia intempestiva.

Para louval-a, dignamente, bastaria fazer-vos huma resenha singela de que vistes, e presenciastes. Bastaria que restolhasse, aqui e ali, algumas espigas mais que escaparão desvairadas aos que antes de mim ceifarão esta mésse preciosa; e até isto mesmo poderia parecer inutil; porque Maria I, esta Rainha amavel, sabia, e religiosa, teve sempre a ventura de achar em cada hum de seus vassallos de quem foi caridosa Mãi, hum pregoeiro de suas virtudes; felicidade bem rara em tempos taes, como os nossos, onde a malicia, ou a levian-

dade nada respeita por sagrado, nem escrupulo algum faz de denegrir as grandes almas para as abaixar assim ao nivel das pequenas e vulgares. No seculo philosophico em que vivemos, assim chamado por huns com elogio, e por outros com opprobrio, não só a inveja, mas igualmente certo refinamento de agudeza capricha de esquadrihar as menores falhas da humanidade; bem como os salteadores, que nos desfiladeiros esperão o viandante incauto para lhes roubar a fazenda e a vida. Mas a posteridade imparcial mofa das puerilidades da maledicencia, e vinga o verdadeiro merito, com a fama que lhe perpetúa; mormente quando as grandes personagens tem a ventura de serem louvadas por Homeros e Virgilios, como debalde eu desejara ser.

Com effeito, Srs., não são pompas funeraes, nem soberbos tumulos, os que immortalisão os Herões: são os escriptos dos Sabios os que perpetuão, entre os homens, a memoria dos homens. Muitos, diz o grande lyrico Latino, florecerão antes de Agamemnom, porem não nos merecem hoje huma só lagrima; e seus nomes estão apagados em vil esquecimento, por care-

cerem de sagrados vates. O famoso mausoleo de Artemisa, que fôra huma das maravilhas do mundo, os obeliscos do velho Egypto, as estatuas, os altares, os marmores inscriptos, perecerão huns de todo; e de outros só restão ruinas despreziveis, e incertas; mas huma Ilyada ainda existe inteira, e desafia a voracidade dos seculos!

Eu porem não venho aqui fazer hum poema, nem hum mero panegyrico; venho recitar hum Elogio Historico e Academico. Arriscaria commetter hum crime de lesa magestade contra o throno, e contra a patria, quem ousasse louvar Maria I com ficções e hyperboles; pois se he glorioso procurar immortalisar as virtudes; tambem he peccar contra Deos, e contra os homens, elogiar os mortos de perfeições fantasticas: o verdadeiro louvor tão apartado está da calumnia, quanto da mentira. Quem faz do Heróe que louva huma Divindade sobre a terra, sem a mais pequena sombra de fraqueza humana não o exalta, tira o credito ás suas virtudes; e se não destroe toda sua fama, muito por certo a diminue.

Mas ainda que o elogiador Academico deva

ter mais severidade, e outros fins que não tem o Panegyrista; deve comtudo sem alterar a essencia dos factos, dar-lhes realce e nobreza. Bem como aos pintores de miniatura he licito dar colorido mais brilhante ás feições, sem destruir a semelhança do retrato, deve dar ao esqueleto historico alma e sangue com as bellezas do estylo, e força da philosophia; e sobre tudo deve pintar o character moral e individual do seu heroe; pois do character he que brotão as virtudes, e nobres qualidades, que brilhão na carreira da vida.

Para determinar, porem, este character nas grandes personagens, cumpre ao philosopho estudar por miudo todas as acções, em tempo, e circumstancias diversissimas; cumpre indagar os motivos porque obrarão sempre de hum modo, senão identico em tudo, ao menos analogo e semelhante; cumpre descobrir a estrada por onde caminharão as almas grandes no exercicio das virtudes, que felicitarão a humanidade.

Se estudarmos assim a vida e acções da nossa Augusta Soberana, achareis, Srs., que o seu nobre character consistio na irmanada

reunião de tres insignes virtudes: Bondade de coração, Prudencia de intendimento, Constancia de animo. Destes mananciaes correrão em bica todas as outras nobres qualidades da sua alma, e todas as grandes acções, que fizerão de Maria I, como Matrona, hum exemplar do seu sexo, e como Rainha, hum modelo de Princepes. Eu espero que o que vou d'ella referir, e o que tenho que louvar nella, não serão desses lugares communs, que quadrão a todas as Rainhas; mas que só á ella pertençaõ, e só d'ella se possão dizer e affirmar. Serei nisto antes philosopho, que panegyrista; e forcejarei que o meu estylo seja menos flórido que grave, mais apanhado que solto, e porem desempeçado; para que não saia, malgrado meu, seu Elogio, como essas copias deslavadas de paineis originaes, como essas estampas frias e sem vida dos quadros immortaes de hum Rubens, e de hum Rafael.

E porque não ousarei esparzir tambem, de quando em quando, algumas poucas flores d'aquella casta eloquencia, que nasce do coração, sobre seu tumulo sagrado?

Purpureos spargam flores, animamque Mariæ
His saltem accumulem donis, et fungar inani
Munere.....

Ah! se eu poder levantar á memoria da minha Illustre Soberana hum letreiro, em que fique gravada para sempre esta curta inscripção—á OPTIMA MATRONA, á OPTIMA RAINHA—terei então satisfeito a meus desejos, e cumprido com a vossa obrigação,

No fausto dia 17 de Dezembro de 1734, quando ainda governava seo Magnanimo Avô, nasceo aquella que devia ser Rainha e Mãi dos Portuguezes. Não preciso entrar aqui na sua Real ascendencia; seria desaccordo exaltar huma Princeza pela nobreza da linhagem seria adulação de escravo louvar as almas grandes pelo sangue d'onde nascem; mas como os Illustres ascendentes impoem aos netos a obrigação sagrada de imitar suas virtudes, só direi que Maria I teve a honra de sustentar com suas accções, desde o verdor da primeira mocidade, o immenso peso d'aquella gloria que herdara de tantos, e tão abalisados Reis, que brilharão antes della.

Mas folgareis de ouvir, Srs., qual a fez a natureza, e como a aperfeioarão a educação

e os exemplos das virtudes, que são hereditarias na sua Augusta casa. Deu-lhe a natureza hum rosto bello, hum porte esbelto e magestoso, huma fronte larga e aberta, que indicava a serenidade da sua alma, e os talentos da sua mente; hum semblante cheio de dignidades mas placido e suave; huns olhos perspicazes, mas meigos e cheios de bondade; hum rizo modesto, mas ao mesmo tempo gracioso. Era tal a harmonia do seu todo, que parece que quando assim o formou a natureza, pedira emprestado á arte o seu compasso. Neste bello domicilio morava huma alma ainda mais bella, a quem a Divindade dotara com esmero e profusão, concedendo-lhe hum engenho subtil, huma comprehensão aguda, huma memoria prompta em receber, tenaz em conservar. Não de balde, diz Platão, que nunca jámais se encontra, em bello corpo alma disforme; por que, segundo elle, isto envergonhara á Geometria da Providencia.

Logo que chegou o tempo de cessarem os brincos da puericia, derão-lhe seus Augustos Paes mestres habéis e virtuosos; e com razão lhos derão, pois da primeira educação moral e

scientificas pendem quasi sempre os progressos e fructos da idade madura; porque o terreno de nossa humana natureza, por mais fertil e macia que tenha a qualidade, se não he bem cultivado por mãos habéis e zelosas, commummente só produz espinhos, e mais ervas que grão. Debalde mondará o lavrador seu trigo, se cortando as ervas que o affogão, lhe deixar na terra as raizes, donde ao outro dia brotem de novo. Quantos grandes do mundo por falta de educação injuriarão com suas más acções a memoria de seus maiores; e em vez de se tornarem em bemfeitores da humanidade, forão seu flagello! e quantos outros, pelo contrario, que nascerão das fezes, como dizem, da sociedade, deixarão, pela boa cultura que lhes coube em sorte, huma fama perduravel!

Apenas encetada a primeira educação, logo seus mestres forão admirando em Maria juntamente com a agudeza de engenho, e felicidade de memoria, a vontade de saber e o fervor de se applicar. Os passa-tempos e distracções da mocidade nunca lhe roubavão o tempo que quasi sempre falta á juventude, para illustrar o entendimento e engrossar o cabedal da razão

e das virtudes. Quantas vezes esquivando-se ás distracções da corte, e ás honras do Paço, não se encerrava ella só em pequeno aposento, para folhear os livros, e espantar seus mestres! Por isso he que todas as sementes do saber e da moral christã arregavão nella profundissimamente, e crescião á olhos vistos. Em tempo em que até a mesma razão, por não fallar da natureza, parece convidar a mocidade, a que goze a primavera dos annos em gostos e prazeres, Maria ousava já então, com o nobre orgulho do dever, furtar-se a passa-tempos para se entregar toda ao estudo e á oração. Parece incrível que naquella idade em que os objectos excitão apenas na alma huma ligeira attenção, ella já soubesse reflectir e ponderar no que convinha. São provas do que digo a brevidade com que aprendeo as primeiras lettras e as linguas; e os progressos que hia fazendo cada vez mais nas bellas lettras. Creio que a natureza já então queria mostrar que a formava para exemplo de Donzellas, e para a felicidade de milhões de homens. Mas se a Natureza era liberal em seus dons, Maria a excedia no zelo de aproveitá-los e amplial-los.

Com os annos empolavão os conhecimentos, e erão taes os seus progressos que mais parecião fructos espontaneos da natureza, que do ensino; pois por mais que a educação se afadigue, se a terra que ara, he esteril e ingrata, quasi nunca produz cousa de monta; quando pelo contrario o talento natural com o mais ligeiro amanho dá flores e fructos de continuo. Eu não finjo perfeições, nem uso das hyperboles, de que a lisonja he tão liberal nos panegyricos; são verdades que colhi da boca dos que tiverão a ventura de conhecel-a de menina.

Crescendo na idade, foi tambem tomando gosto ao sabor da muzica, e da pintura e já sabia dar valor á poesia. As relações intimas, que ha entre o honesto e o bello, tiverão sempre o maior influxo nos costumes. Quando a alma ao amor da verdade junta o gosto do bello e do sublime, de necessidade tem ella mais gosto para o bem. Assim os heróes da Grecia, seus philosophos, e generaes, forão ao mesmo tempo musicos e pintores, e quando menos todos souberão apreciar as boas artes. Tambem entre os mordernos, para citar hum

só exemplo, o immortal Frederico soube ser grande Rei, grande poeta, e grande musico.

Crescia Maria nos annos, e crescia igualmente nas virtudes; medrava diariamente na beneficencia. Nada lhe era mais agradavel, em nada se comprazia mais que em fazer bem. Despendia-se toda em esmolas, compassiva por extremo das miserias da pobreza; e governava-se de modo, que o dinheiro que seus Augustos Paes lhes costumavão dar para os atavios e brincos da sua idade, chegavão para alargar a mão sobejamente com os necessitados.

Soccorrer a pobreza com esmolas he proprio da humanidade, he obrigação do christão; basta não ter bronzeado o peito para acudir aos males alheios; mas dar esmolas com a propria mão, acompanha-las de gesto mavioso, da compaixão, só pertence á coração generoso. Somos os homens feitos de tal arte, que mais se empenha nosso agradecimento com a maneira do soccorro, que com a grandeza delle. E com razão assim o quiz a Natureza; porque soccorrer aos desgraçados he acção de magnanimidade; mas fazer o beneficio com

toda a vontade e bom modo, he proprio só do amor: sentimento este, que não só ennobrece a quem o mostra, mas a quem o recebe. Grandes acções pode o homem fazer por honra, ou por orgulho; mas fazer bem, só porque he bem, he ser semelhante á Divindade, he fazer obras de Deos.

Nos deveres da Fé, no amor da Santa Religião, que professamos, ninguem excedeo á Maria, e bem poucos a igualarão. Que dia houve desde a sua mais terna mocidade, em que ella se não empregasse em afervoradas orações? Que dia houve, em que seus olhos não arrebatassem em devoto pranto, prostada ante os altares do seu Deos? Quantas outras provas fazia ella de alta piedade! Para seh umilhar ante a Divindade muitas vezes pelas sêdas, e cambraias do leito mudava huma manta grosseira; pelas sobegidões da mesa Real, hum pedaço de pão secco, quando muito acompanhado de algum simples conducto. E para dizer tudo de huma vez, em tudo se lhe transluzia hum coração inflammado em pura religião; e estava esta, por assim o dizer, transvasada em sua alma de modo, que em ne-

nhum tempo da sua existencia andava apartada della; e toda a sua vida foi huma copia fiel do original que tinha gravado no intimo de seus peito. Mas paremos aqui Srs. Não he dado a huma musa profana entranhar se no sanctuario da Fé; nem mapejar os misterios ineffaveis da Divina Graça: vamos encarar outras virtudes, que estejam mais ao alcance da razão humana.

Sempre as virtudes se acompanhão de virtudes. Assim como, no Universo physico, segundo as ideias de hum velho philosopho da Grecia, os atomos si milhares, espalhados pelo espaço, tem reciproca tendencia, e gravitão entre si, para formarem os diversos seres de que são principios; tambem no mundo moral as virtudes, dispersas pela humanidade, folgão de se unir em gruppó nas almas privilegiadas. Com a cultura do seu intendimento, com os exemplos domesticos de seus Augustos Paes, com os soccorros da Religião, criara Maria huma facilidade de obrar bem, que nenhuma virtude lhe custava. Vivião na sua bella alma irmanadas a austeridade da moral, e a suavidade das maneiras. Quanto era ad-

miravel ver juntas tanta mansidão, e tanta fortaleza! Tanta severidade de costumes com tanta indulgencia pelas fraquezas alheas! Rigida observadora de suas obrigações, com quanta bondade não relevava ella os defeitos dos cortezões, e dos criados!

Huma Donzella nascida para reinar, bem depressa advinha o segredo da sua futura grandeza. Os objectos que a rodeão, as pessoas que a cortejão, as maneiras da submissão, o silencio do respeito, que escuta as suas menores palavras, lhe acenão com o futuro sceptro. Mas para as almas christãs são todas essas apparencias, illusões opticas, que se desfazem subito; são chammas de phosforo que brilhão, e não dão calor. Era Maria tão virtuosa e humana de coração, que nunca grandezas da terra a ensoberbecerão; e se desde a puericia soube inspirar acatamento, tambem sabia ao mesmo tempo inspirar amorosa veneração, e amaciar com huma ingenua affabilidade o respeito, que se lhe devia.

Se até aqui temos admirado, Srs., a Maria como Real Donzella, devemos agora admiralla como esposa, e como Mãe. As leis fundamen-

taes da Monarchia vedão que a successora do do throno receba em seu thalomo Principe estrangeiro, por isso casou ella em 1760 com seu Tio o Serenissimo Sr. Infante D. Pedro, Grão Prior do Crato, depois Rei nosso. Principe de piedade exemplar, e de coração humanissimo, que unia á hum gentil rosto, huma alma boa e caritativa. Com o amor e virtudes soube logo a nova Esposa ganhar de modo o coração do esposo, que nella sempre achou este fora do throno, ou sobre elle, huma amiga verdadeira, huma companheira terna, e obsequiosa. Foi tão estreita a concordia de sentimentos e vontades entre ambos, que parecião ter huma só alma e hum só coração: só emulavão em qual delles havia mais bondade e mais beneficencia. Cada hum amava igualmente os Portuguezes, cada hum folgava igualmente de os felicitar.

O Céu favoreceo esta união; e forão numerosos os castos fructos dô seu thalamo. Se tres delles fallecerão logo na primeira infancia, forão os outros tres crescendo em annos e virtudes. Com que zelo, com que carinhoso esmero não se empenhava a santa Mãi na sua

educação? Nos Palacios Reaes da Lusitania, Srs., reinou sempre a antiga disciplina de Lacedemonia, onde as matronas sabião ensinar aos proprios filhos a virtude, como em outras partes se ensinavão as lettras, e sciencias. Destes cuidados maternos, dos exemplos que lhes dava, colhemos hoje em dia os Portuguezes mil benções e ventura.

Vai já chegando o tempo, em que Maria deverá subir ao throno portuguez. Na falta da successão varonil chamão para elle as leis constitucionaes de Lamego a filha Primogenita do Rei. Notai, Srs., que já em tempos, que chamamos barbaros, souberão os Portuguezes respeitar os foros da justiça, e dar a maior prova de amor e veneração ao sexo amavel. Nunca entre nós teve cabimento o egoismo politico dessa chamada Lei Salica. Mas que horrivel borrasca se levanta agora contra os Direitos de Maria, e contra a nossa futura felicidade. Esta Lei justa, e fundamental da Monarquia querião destruir de hum rasgo de penna alguns desses homens energicos, mas atrozes, que pisão as mais santas Leis, quando se lhe antolhã contrarias aos seus fins;

desses homens astuciosos, e amestrados nas Artes do Machiavellismo, que sabem aproveitar as occasiões, e talvez crial-as para dominar a opinião com projectos grandes e vastissimos, que pórem não podem, nem sabem realizar; que affectando com huma loquaz hypocrisia mostras da mais pura lealdade aos Soberanos, abuzão da sua bondade e confiança para sacrificarem os Estados aos Idolos do seu coração, á ambição, e á avareza; desses homens solapados, que se apregoão os amigos do povo e das nações, quando á aquelle carregão de cadeas e miseria, e á estas quebrão-lhes a mola da nobreza de character, roubando-lhes a liberdade legal de que gozavão, e o direito sagrado de hir aos pés do throno representar seus males, e pedir ventura. E estes são, Srs., os *Molochs* da lei nova, por quem escriptores preocupados, ou malignos tem andado a mendigar nossas adorações, e cuja lithurgia hão consignado, em centenares de paginas, que certo rasgará hum dia a historia imparcial. Mas admirai, Srs., os arcanos da Providencia, e a constancia de Maria. Desta vez não vencerão os máos anjos ao bom, Maria vai pros-

tar-se, banhada em lagrimas, aos pés de seu Augusto Rei. expõe-lhe com a submissão de filha e de vassalla, mas com a energia da razão e da virtude, seus sagrados direitos; e vai assim poupar-lhe huma injustiça, que malgrado seu poderia commetter. O coração bo Pai se entenece, ergue nos braços a cara filha, consol-a, e segura os seus direitos. Cahem por terra de hum golpe todos esses sophismas da politica, com que a astucia e o egoismo tinham pretendido deslumbrar-lhe a mente, e extorquir-lhe a vontade. Venceo a razão e a constancia: e Maria he nossa Soberana.

Em Fevereiro de 1777 toma posse do Reino a Augusta Matrona, e em Maio he acclamada Rainha e Senhora de Portugal.

A Divina providencia sempre tem favorecido os Portuguezes: abramos nossa historia, e vereis nella que pretendendo dominar-nos D. João Rei de Castella, por faltar a varonia do Sr, Rei D. Fernando, apparece logo o primeiro João, para gloria e liberdade nossa; quando o captiveiro de Hespanha pezava mais sobre os nossos hombros, que vergavão, surge o quarto João; ambos Luzeiro de virtudes

e altos feitos; quando finalmente em nossos tempos a falta de successão varonil podia fazer recear, que mãos feminiz não podessem com vigor e energia sustentar as redeas do governo, e salvar-nos de guerras e anarchia, então nos dá o Céu huma matrona sabia e forte, que nada tem que invejar aos grandes Reis donde decende. Então para nos ajudar ainda mais, não consente que Maria suba ao throno, senão em annos já maduros, e chea das luzes da razão e da experiencia.

Nenhum Monarcha Portuguez foi aclamado com mais vivas de alegria, nem com maiores esperanças. Naquelle fausto dia vião-se os semblantes, huns affogueados de amor, e confiança; outros derretidos em lagrimas de gozo; todos enlevados na vista da sua boa e amavel Soberana. Hum longo ministerio energico e grandioso, mas duro e inflexivel, calamidades pavorozas, e sem conto, tinhão abismado as almas todas em terror e medo. Sobre o desgraçado Portugal tinhão cahido em pouco tempe, como granizo, tantos males phisicos e moraes, que parecião vomitados pelo inferno. Terremotos, inundações, incendios, prisões

continuas, masmorras atulhadas, castigos e crimes atrocissimos, trazião atterrados todos os espiritos. Não me compete a mim, Srs., rasgar o véo que cobre tantas e tamanhas desditas; nem sabe meu entendimento descobrir suas causas; sómente sei que succederão, quando a razão menos os podia suspeitar ou recear. Mas graças ao Céu, já assoma no horizonte a nova estrella da alva, precursora de dias claros e serenos.

Tinhamos os Portuguezes necessidade de gozar de mais brandura e mansidão; e isto achamos logo, que a Piedosa Maria se assentou no throno. Obedecendo com prazer do coração as ultimas vontades de seu Augusto Pai, ella despeja horriveis carceres de milhares de infelizes; chama á patria os desgraçados. Não sei se erão culpados; sei sómente que estavão a soffrer sem livramento, e sem sentença. Quem não admira a magnanimidade da nova Soberana! Podendo fazer inteiramente sua esta gloria, não a quer; antes publica logo pela imprensa as ultimas recommendações paternas; e só reserva para si o gozo de as executar; querendo deste modo

BIBLIOTECA

SENADO FEDERAL

que os desgraçados, a quem faz vêr de novo o sol, abençoem tambem a memoria do seu Rei. Faz ainda mais a nossa magnanima Rainha: satisfaz de seu thesouro as reclamações de tantos desgraçados reduzidos á ultima miseria, e paga promptamente as dividas atrazadas dos criados. He mais rico realmente, Srs., o Principe que felicita vassallos com a liberalidade, do que aquelle, que amontoa thesouros com a sua avareza. Fazer ditosos os subditos, he a primeira obrigação dos Reis; saber fazel-os, eis aqui o segredo de reinar, segredo facil de alcançar ás almas bem formadas.

Não parão aqui suas virtudes. Ouvir com paciencia, despachar com promptidão, he dever dos Soberanos; em Portugal he direito adquirido dos vassallos. A todos recebia Maria com benignidade, a todos attendia com amor, e quando não podia despachal-os, a nenhum negava ao menos a ternura e compaixão de mãe; e mais folgava de bem cumprir este officio, que de possuir um throno. Quanto mais humildes e desvalidos erão os que pedião audiencia, com tanto maior gosto

ouvia suas petições, respondia aos seus queixumes, e elles se espantavão de que os tivesse, não só em conta de vassallos, mas de filhos. He esta uma daquellas virtudes, que sempre houve em nossos bons Monarchas, mas que nunca brilhou mais do que em Maria. Subindo ao throno, parece-me que ouço exclamar: — Oh meus filhos, que posso eu fazer para a vossa felicidade! Dar-vos-hei todos os meus desvelos, todo o meu tempo, todo o meu coração! Consolai-vos, por tanto, e recebei este solemne juramento, que vos faço, e que saberei cumprir á risca; será toda a minha gloria o prazer de vos vêr tranquillos e contentes; e serei para os vassallos tal Rainha, que folgára, se vassalla fosse, de a ter por Soberana.

Com que promptidão e boa vontade não premiava os homens benemeritos! Sabia muito bem que as honras e mercês, quando cessão de ser o premio da virtude e dos talentos, de certo são vituperio do throno e perdição das nações. Eu na realidade, Srs., me condôo dos homens de merecimento que morrem á mingoa, e sem os devidos galar-

dões; porém muito mais me condão das terras e dos tempos, em que isto se pratica; e creio que mais perdem os Principes em não premiar os benemeritos, do que estes em não serem premiados. Se os Principes da terra fizessem sempre toque dos homens, como se exprime hum autor nosso, e quantos quilates cada hum tivesse de merecimento, tantos lhe dessem de galardão: então seria o mundo hum paraizo! Mas bem sabeis quanto he difficil chegar a verdade aos pés do throno; os homens honrados sabem pouco importunar validos e cortezãos, ou por natural acanhamento, ou porque desprezão patrocínios que envilecem; e se comprazem mais em merecer que em alcançar; nem querem despachos extorquidos, menos por justiça, que por lastima e cansaço de queixumes. Por isso não se póde desejar melhor ventura a hum Reino, para ser bemaventurado, que obedecer á huma Mãi, e servir á huma Senhora, que conhecendo o merito e serviços, tenha sempre a vontade apparelhada para os remunerar. Sim, a optima Maria buscou sempre conhecer os benemeritos, e soube sempre honral-os. A

intriga e a adulação, que enxovalhão tudo o que tocão, como as harpias da Fabula, perderão para com ella todo o seu poderio. Porém ella folgava não só de premiar, mas tambem de louvar; e ser louvado por uma tão virtuosa Soberana, he certo o maior galardão que podem receber neste mundo homens honrados. Sabia não só ser compassiva e magnanima, mas tambem ser amiga; e não só sabia ser amiga, mas cumular de beneficios a amizade; beneficios que erão outros tantos premios e incitamentos á virtude, senão penhores do agradecimento. Oh santa amizade, dom do Céu, honra da humanidade, quanto és rara sobre os thronos! Mas no coração da nossa optima Rainha tiveste sempre hum asylo e hum sanctuario!

Devo ainda, Srs., antes de entranhar-me nas acções do seu Governo politico e civil, louvar outras virtudes da sua bella alma, entre as quaes foi sem duvida huma das maiores, a sua misericordia.

Póde haver, Srs., certa clemencia, que provenha méramente da nossa sensibilidade phisica; mas para ser virtude duradoura, he mis-

ter ser santificada pela religião do coração : só este sentimento póde ennobrecel-a; só elle sabe achar motivos justos, para perdoar. Sem esta nobre virtude, embora pretendão os Reis da terra a gloria mundana do heroismo; embora sejam tidos por grandes e preclaros, nunca serão amados de seus povos, nunca farão as delicias da nossa especie. Quem tem de governar a muitos, he gloria o ser amado por todos: mas quem ha que seja amado sem clemencia, e sem bondade ?

Durante todo o reinado da nossa Augusta Rainha, pouquissimos forão os justicados; louvor este que não só pertence á vigilancia do seu governo, mas mui principalmente á ternura maternal do seu coração. Quando ella pela sua justiça era forçada a castigar: com que dó da sua alma o não fazia! Mas quando extendia a mão compassiva aos desgraçados: que alegria não tinha então sua alma? Muito custa por certo a justiça aos corações generosos! folgarião que os homens não necessitassem de castigo para cumprirem seus deveres; e só os consola a ideia, de que a justiça neste caso he tambem misericordia;

de outro modo lhes fôra insuportavel o pezo do governo. Se alguém porém ouzar tachar de sobeja a misericordia da nossa optima Rainha, lembre-se de que nunca deixou de castigar quando cumpria, e que apezar da sua clemencia, nunca os crimes forão menos em Portugal, que no seu tempo; reflecta que para huma nação briosa e boa, como a nossa, mais póde o amor e piedade, que o rigor; e que o rigor sem absoluta precisão não he justiça, he crueldade; de mais, Srs., os Portuguezes sempre forão e serão, mais filhos que vassallos de seus Reis.

Mas se Maria era clemente, tambem sabia ser constante e austera. Quando um magistrado zeloso foi lançar-se aos pés do throno e fallou á Soberana com o respeito devido á realeza, mas com a energia e firmeza que convém a quem tem á seu cargo defender a gloria e direitos da corôa; Maria o attende com prazer e admiração, e o Magistrado se recolhe contente e satisfeito de ter, mais esta vez, conservado illeza a autoridade das leis e a honra do estado, apezar das intrigas e sofismas com que se procuravam vingar cinzas

infamadas. Quando logo depois essa sociedade religiosa, banida de Portugal e proscripta em toda a Europa, espiando momentos favoraveis de se lavar dos crimes, de que fôra convencida, escolhera para seu mediador e defensor hum Fidalgo illustre pelo sangue e pelos serviços de seus maiores, e até por seus longos soffrimentos; Maria I fica firme, e Portugal não retrocede em sua gloria.

Mas he já tempo de lançar a vista sobre as outras acções da optima Rainha no governo civil e politico de seus Reinos.

No conselho, onde sempre despachava, folgava a optima Rainha de ouvir nua a verdade; e honrou muito a hum de seus Ministros, só porque votava mais livre, e nunca espreitava sua opinião. Em todos os negocios de estado mostrava sempre a nossa Sabia Soberana o seu singular entendimento; dom do Céu, mas que só se engrandece e aperfeiçoa com a continuada reflexão. Porém difficil he buscar acertos na só escolla da experiencia, e no socego da razão. Quantas vezes engenhos perspicazes, mas activos e insoffridos, são arrastados por maximas e principios arbitrarios,

que em vez de sonhados bens, só trazem males reaes aos povos e aos estados! Quanto não custa combater abusos inveterados, soppear os embates dos partidos, desprezar os ardís e calumnias da inveja e da vingança, que não raras vezes offuscão a razão, e engañão os corações ainda os mais pios e prudentes! Mas quando o engenho he acompanhado da virtude, sabe romper todos os laços, e vencer todas as difficuldades; sabe humas vezes apressar-se, outras demorar-se.

Do seu throno, como de alta atalaia, vigiava a Soberana os gabinetes da Europa; penetrava seus designios e combinava seus interesses com os interesses do seu Reino. Nunca seguio esta politica astuta e cavillosa, tão vulgar em nossos dias, mas sim aquella, que he sempre fiel companheira da virtude; que não aconselha senão o que convém á justiça, nem segue o que reprova a moral. Só á esta nobre arte cumpre emendar o passado, dirigir o presente, anticipar e preparar o futuro; só ella sabe com honra e segurança rasgar o véo ás cavillações e ciladas, evitar os damnos, precaver os males.

Como unia a grande Rainha em laço estreito a sagacidade politica com a probidade da religião, gozou sempre sua nobre alma do jubilo de vêr, durante todo o seu governo, o Reino em paz e abundancia, em quanto grande parte da Europa era hum vasto theatro de sangue e de miseria.

Apenas sobe ao throno, qual anjo de paz procura logo suspender a guerra já ateadada no Brasil, que ameaçava em breve tempo abraçar tambem a Luzitania. Apenas parte sua Augusta Mãi para Madrid, conclue logo um tratado preliminar de paz e de limites, fundado no de 1750. Pouco depois se fazem novos pactos de neutralidade e garantia entre as corôas de Hespanha e Portugal, com que mais e mais se apertão os laços do parentesco e boa visinhança, que nunca deverão ter rompido a politica. Julgou a nossa Augusta Rainha que hum pequeno Presidio remotissimo, encravado no coração de terras ermas e abertas, não devia custar huma só gotta mais de sangue a seus vassallos; e ainda este pequeno sacrificio de hum capricho, que nos tinha levado já milhões, foi assás compensado

com as vastas terras, que recebemos em troca, e que dando grande fundo ao Brasil, extendem nossa raia, e segurão as ricas minas das capitánias do sertão, e a communicacão destas com as de beira-mar, pela navegacão interior dos grandes rios que vão enriquecer com immensos cabedaes os dous mares fluviaes do Amazonas e da Prata. A colonia do Sacramento, Srs., não era colonia nossa, era dos estranhos, que por meio de continuos contrabandos beneficiavão seu commercio; ficando-nos sómente guerras e despezas. Pelo novo tratado se fixão de huma vez os limites do Brasil, que não tinhão sido ainda bem determinados, nem pelo provisional de 1661, nem pelo de Utrecht, nem por outra alguma transacção antecedente.

Consumir vidas e fazendas em conquistas de pouca monta, he debilitar-se para as importantes. De que servem terras inuteis e apartadas, quando faltão braços para cultivar as que temos á porta; quando o preço do que se ganha, ou se conserva por capricho não vale o sangue que se perde? De que nos servirão, Srs., essas conquistas d'Africa, que nos

custarão tantas vidas e cabedaes, se depois as havíamos de largar, ou porque não se podião sustentar, ou porque erão, por infructuosas, de nenhum prestimo e valor? Sem ellas, de certo, o malogrado joven, o Sr. Rei D. Sebastião não hiria sepultar-se a si e ao desgraçado Reino nas arêas Africanas! Sempre conveio, e sempre convirá cotejar o que se perde com o que se quer ganhar. Ah, Srs., felizes são os povos, quando com prudencia e bondade os Soberanos procurão sua gloria no socego de Ceres e Minerva, e não nas lides de Mavorte! Gloria innocente, que não custa lagrimas, nem sangue!

Pax optima rerum,

*Quas homini novisse datum est: pax una triumphis
Innumeris potior.*

Já dizia em seu tempo Silvio Italico.

Para segurar melhor a paz, conclue a Soberana hum novo tratado com a França, pelo qual se estreitarão cada vez mais os laços, entre os diversos ramos da Augusta Familia dos Bourbons. Conservando assim a nossa Soberana a tranquillidade de seu Reino, tambem soube firmar a sua neutralidade, quando

a guerra entre a Inglaterra e suas colonias, em que tomára parte a politica de França e de Hespanha, ameaçava devastar a Europa e o Mundo inteiro. Tão grande era o resentimento de ambas aquellas côrtes contra esse povo activo e industrioso, a quem ensoberbecia a liberdade, e que por suas riquezas e forças navaes dominavão sobre os mares! Era porém difficiloso conservar harmonia com nossos antigos alliados, e com os gabinetes de Paris e de Madrid ao mesmo tempo; mas tal foi a prudencia e dignidade do governo de Maria, que o pôde conseguir. Para melhor conserval-a, accedeo ella a essa neutralidade armada, que creára o grande espirito de Catharina. Por este novo tratado com a Russia extendeo muito Portugal o seu commercio, principalmente o dos vinhos, que as armadas augmentadas consumião; e tambem o dos generos coloniaes, que não podião então fornecer a Gram-Bretanha, Hespanha, e França aos mercados do Norte. A este importantissimo tratado deveo Portugal a maior riqueza, que nunca teve, depois dos brilhantes dias de Manoel, e cujos restos ainda hoje conserva-

mos, apesar dos horrores que soffremos dos satelites da usurpação e tyrania.

Firmando assim a segurança do Imperio, não se esquece Maria de aperfeiçoar e fomentar ao mesmo tempo as artes da paz, entre as quaes tem o primeiro lugar os cuidados da legislação.

A sciencia do Governo, como sabeis, Srs., consiste em indagar o que pode ser hum estado para corresponder aos seus mais altos fins; em conhecer todos os seus recursos presentes e futuros, e todas as suas faltas actuaes. Vigor e lei são os factores de tamanhos bens; sciencia e civilisação, quem os promove e acompanha. Quando todas as forças individuaes dos vassallos se dirigem e empregão no bem geral do Estado, se as circumstancias phisicas e moraes dos povos devem servir de norma para os meios applicados; nunca podem ser obstaculos invenciveis; porque o homem que obedece á razão, pode vencer a natureza e o costume. Mas sem boa legislação não conseguem os Estados tal ventura; porque as leis são as regras que encaminhão

nossas acções; os preceitos, pelos quaes o homem, esta creatura dotada de razão e de boa vontade, deve dirigir suas nobres faculdades para a sua maior felicidade. No coração humano gravou a divindade os principios do honesto e do util, para que a sabedoria e a experiencia melhor podessem desenvolver-os e applical-os. Se as leis humanas vão contra estes principios sagrados, são sujeitas e damnosas, e não merecem a nossa estima; porque delles recebem todo o seu valor e autoridade. Mas como estas leis, que podemos chamar da natureza, são poucas e geraes, virão-se as nações obrigadas a amplial-as, e applical-as, segundo requerem o estado das sociedades, os progressos da cultura e riqueza, e a posição local. D'aqui veio a necessidade de haver hum poder supremo em cada Estado, que podesse fazer novas leis, sabias e justas, quando assim cumprisse. Guiada por estes luminosos principios a nossa boa Soberana emenda varias leis de seu Augusto Pai, e publica outras de novo, das quaes referirei tres, que muito honrão sua memoria. Manda que os criminosos não ge-

mão no segredo por mais de cinco dias; regula a jurisdição illimitada da policia, e prevê a necessidade de dar o ultimo golpe ao feudalismo, declarando e restringindo as jurisdições dos donativos; e apesar de que as duas sabias leis, que sobre isto promulgara, demandem ainda novos regulamentos e trabalhos para a sua cabal execução; todavia, muita utilidade temos já colhido deste primeiro ensaio. Foi esta huma prova mais do quanto a nossa Rainha desejava condescender com as novas luzes, espalhadas pela Europa, começando assim gradualmente a limpar o edificio social da ferrugem de tempos barbaros e escuros.

Faz ainda mais Maria I, crea huma junta de Jurisconsultos, encarregada de fazer hum novo codigo. Havendo-se mudado o estado da nação, tendo-se alterado o modo de pensar, os costumes e as ideias, era preciso que tambem se mudasse e alterasse a legislação, o que só se poderia alcançar, compilando-se de novo hum corpo de ordenações, á imitação do que já tinham tentado a Russia e a Dinamarca, e do que tinham executado em todo ou em parte

a Prussia e a Toscana. Para esta nova junta forão nomeados, entre outros, dous illustres Jurisconsultos, que muito trabalharão em tão nobre empreza, deixando-a já prompta a vir á lume; mas, desgraçadamente, ou porque outras occupações e negocios, talvez mais ponderosos, não permittissem a seu Ministerio dar exclusivamente a este objecto todo o seu zelo e actividade; ou talvez porque distribuindo-se as materias por diversas mãos, não houvesse entre ellas toda a harmonia e unidade de plano, veio-se a malograr por então aquella empreza. Eu, Srs., estou capacitado de que os grandes projectos devem ser concebidos e executados por um só homem, e examinados por muitos: de outro modo desvairão as opiniões, nascem disputas e rivalidades, e vem a faltar aquelle centro commum de força e de unidade, que tão necessario he em tudo, e mórmente em objectos de summa importancia. Mas basta para gloria da nossa Soberana o ter mandado; realisal-o não depende muitas vezes de nós. Só devemos ser responsaveis pelas nossas intenções.

Porém, se cumpre haver leis, ainda cum-

pre mais que tenham bons executores. Sem Ministros integros e doutos a innocencia não acha asylo nas leis: violão-se á frente do mesmo Legislador, e no mesmo sanctuario da Justiça. Por isso a nossa optima Rainha sempre teve o maior cuidado na escolha e promoção dos Magistrados; e procurou, favorecendo e aperfeiçoando os estudos Juridicos da Universidade, que os legistas que d'ali sahissem não fossem méros rabulas sem principios alguns de direito natural e publico, e sem a philosophia da Legislação; pois devemos confessar que até os ultimos annos do reinado de Seu Augusto Pai, lavrava em Portugal, quasi geralmente, huma logica mourisca, que applicava as leis Romanas, mal interpretadas e entendidas, á tudo o que ocorria, sem attenção á diversidade dos tempos, ou á differente constituição da nossa Monarchia.

Não pararão aqui os cuidados de Maria: ella conhece que hum Estado sem agricultura, sem fabricas e industrias, sem commercio e navegação, emfim, sem educação scientificas, sem moral e sem religião pura, he hum estado pobre, fraco e desprezivel. He justo pois que

vejam os que ella fez, e intentou fazer, para bem dos Portuguezes nestes ramos.

A prosperidade da sociedade humana he proporcional á cultivacão do seu sollo; sem esta não ha subsistencia, nem civilisação; pois da copia da agricultura e das artes mechanicas, que esta sustenta, nasce a mercancia, e de todas reunidas a riqueza das nações. Nem só he necessaria e proficua a agricultura, he tambem util á moral e á robustez do povo, influe no coração e nos prazeres da vida. Quem se não encanta com a vista de campos cultivados e verdes, de searas abundosas e douradas? De que virtudes não he mãe e ama a agricultura? Fortaleza e industria, constancia e paciencia, são necessarias para se emprehenderem e desempenharem os trabalhos da lavoura. Dão-se tambem as mãos a agricultura e a religião. O lavrador continuamente eleva sua alma ao creador, á Quem roga a cooperação do Céu. O espirito que sabe contemplar os mysterios da vegetação, admira arrebatado as obras da Divindade, e não pôde deixar de a louvar de continuo e agradecer-lhe os beneficios que recebe. Mas

não só a agricultura nutre as virtudes, mas excita os talentos. O emprego do lavrador pelos seus fins e extensão, requer muita previdencia, e grandes conhecimentos. Elle deve conhecer a organização e propriedades das plantas e animaes; examinar o torrão, as estações e o clima; saber o seu prestimo, melhoramento e applicação. Por meio desta arte maravilhosa he que o homem veio a ser o senhor de toda a criação, e o dominador dos animaes, de quem, verdade he, se nutre e serve; mas tambem os alimenta, pensa, conserva e multiplica. D'aqui vem que cada novo progresso, que se faz nesta nobre arte, he não só hum novo titulo de gloria, mas tambem novo beneficio para a humanidade; porque concorre para haver maior numero de homens, isto he, de irmãos e de consocios, aos quaes incita com riqueza e abundancia a desenvolver a razão e as virtudes na cultura das sciencias e das artes.

D'aqui vêm que nos tempos heroicos e singelos da nossa especie era a agricultura a occupação dos chefes e dos legisladores das nações; mas depois com a dissolução dos

costumes, e com as novas ideias de huma honra fantastica, apparecerão almas duras e crueis que julgarão ser mais honroso destruir que conservar, ser melhor conquistar por força bruta, que com a industria virtuosa. Então a arte mais nobre e util, que inventarão os homens, veio a cair pouco e pouco na mofa e no desprezo, donde agora forcejão por arrancar-a a Philosophia e os bons Reis. Mas a optima Maria soube imital-os: ella dá novas providencias sobre a cultura das Lizírias e dos campos da fertil Golegãa; concede replantar as vinhas no riba-Tejo, que huma politica errada ou interessada tinha mandado arrancar, não attendendo ao bem que fazião em campos soltos e arenosos, oppondo-se ás inundações, e retendo seus nateiros.

Permitte afforar varios baldíos; prohibe a entrada das farinhas e vinagres estrangeiros; isenta do pezo das caudelarias, sobre as quaes dá repetidas providencias, aos lavradores que cultivassem sómente vinhas, hortas e arvoredos. Faz enchugar e romper paués, e rotear môichões. Para defender das cheas os bellos campos das Lizírias e do riba-Tejo, e favore-

cer o enchugo das terras apaúladas, fazem-se tapadas, e abrem-se as antigas vallas, que pelo decurso e descuido dos tempos se achavão entulhadas. Com a obra do novo encanamento do Mondego, que mandara fazer á bem da sua navegação, fertilisã-se de novo muitos areas estereis e abandonados, e reparão-se os campos cultivados, que se hião arruinando.

Legisla igualmente sobre a reduçãõ dos fóros e censos do Algarve; pois se em todo o Reino padece a lavoura muito com estes encargos, soffria muito mais que os outros aquelle estreito e limitado paiz. He huma verdade incontestavel, que ninguem pôde cultivar hum campo, sem que a sua producção pague as despezas, os amanhos, e dê tambem hum sobejo liquido, que sustente com fartura ao lavrador. Se porém os encargos e impostos são taes que abrangem todos estes lucros; então esmorece o campones, e a terra fica esteril e desamparada, mórmente se reflectirmos que ao pobre lavrador de Portugal só ficou livre e isento algum pedaço de terra por esteril e escondida, pois toda a que

havia boa, de longos annos anda em mãos estranhas e avaras, que as tem carregado de censos e foros pesadissimos.

Para augmentar cada vez mais a cultura das vinhas, e dar sahida a seus productos, que poderião soffrer com o novo tratado entre França e Inglaterra, obtem outra vez a plena execução das antigas convenções, firmando tambem assim, cada vez mais, a alliança com a Gram-Bretanha; alliança que em seu tempo veio a ser proficua á ambas as nações.

Outro objecto importantissimo do seu maternal governo forão as pescarias dos nossos mares e costas, manancial seguro de occupação e riqueza. Para fomental-as, isenta de direitos a todo o pescado sêcco e salgado de Portugal e Ilhas, e proroga successivamente a companhia das reaes pescarias do Algarve, porque entende que assim as protege efficazmente.

Mas não era possivel que Maria se esquecesse tambem de fomentar a industria e as fabricas de seu Reino. Só o homem selvagem limita seus cuidados e occupações á caça e á pesca, ou em colher fructas bravias, que lhe

apresenta a natureza ; mas como a divindade tivesse sabiamente gravado em seu peito o desejo de melhor vida, pois a dotara de razão e intelligencia; este mesmo selvagem procura a pouco e pouco conseguil-a, augmentando sua actividade e seus trabalhos. Deste modo se vai civilisando, e corresponde aos grandes fins da Providencia. Se pois o homem solto e derramado pelos bosques e campos, tambem procura augmentar a sua industria para se distinguir das brutas alimarias: quanto mais o devem fazer as grandes sociedades e nações civilisadas? Com effeito, Srs., sem industria, sem fabricas e manufacturas, nenhum Estado he rico e independente. A agricultura e pesca só por si não bastão para toda sua prosperidade e maior povoação.

Guiada por estes principios luminosos, a optima Maria toma á peito fomentar as artes, desempeçando a industria, para que cada hum possa buscar pela sua agencia e trabalho o seu melhoramento. Para animar as fabricas de privilegio Real, declara isentos de direitos todos os generos de fóra que lhes são ainda precisos por incuria nossa; concede

novos privilegios á fabrica de vidros da Marinha, e lhe vai successivamente prorogando o tempo; e o mesmo faz á muitas outras. Prohibe a entrada de varias fazendas estrangeiras, e das sedas da India, que podem e devem fabricar os seus vassallos. Occupa as mulheres pobres da capital, mandando distribuir por ellas linho e algodão para o fiarem, remediando deste modo a sua pobreza e deterrando a ociosidade. Para diminuir as grandes despesas que custavão ao seu Real Erario as Fabricas Reaes de pannos, que seu Augusto Pai tinha criado, e incitar ao mesmo tempo a industria dos particulares, facilitando-lhes os meios de adquirir novas riquezas, manda-as entregar á huma companhia de negociantes abonados, dando-lhes regulamento, e impondo-lhes as condições mais convenientes á sua conservação e maior prosperidade. Faz a grandiosa cordoaria, tão commoda pelo sitio, quanto necessaria e de summo interesse á huma nação commerciante e navegadora. Com os mesmos fins estabelece no pinhal real de Leiria a fabrica de péz e alcatrão, que tão proveitosa tem sido á nossa Marinha.

Para prover de combustivel barato e abundante aos Arsenaes Reaes, e ao consummo do seu Reino, ha tantos annos falto de mattas e arvoredos, promove a lavra da mina de carvão de pedra de Buarcos, que se tinha começado a abrir em tempo de seu Augusto Pai. Em seu reinado se augmenta e aperfeiçõa de maneira o fabrico da polvora, que della só se provem o reino e as colonias; e com seus lucros avultou muito e enricou a renda publica. Emfim, para melhor se dirigirem e governarem todas as manufacturas Reaes e particulares, amplia a antiga Junta do Commercio, elevando-a ao mesmo tempo ao gráo de Tribunal Regio; criação importantissima, mas á qual, ainda falta, segundo me parece, hum bom regimento que córte colisões e aplaine seus cuidados: debaixo desta Junta põe a nova Directoria das Fabricas de seda e de galões, que deva vigiar sobre o seu augmento e perfeição.

Conhecendo ao mesmo tempo que não podem prosperar a agricultura e a industria, se não tem por companheiro inseparavel o commercio, Maria Augusta muito o protege e favorece.

O commercio, Srs., he tão antigo como o mundo. Ha dous mil annos pelo menos antes da nossa éra christã, já elle começava a florescer. A quem são desconhecidas as frotas do sabio Salomão, que hião commerciar nas ricas terras de Ophir, o trafico dos Egypcios, e Phenicios, dos Carthaginezes e Romnaos? Quem ignora tambem que depois das irrupções dos barbaros do Norte, que ameaçavão anniquilar a civilisação do mundo inteiro, levantara elle outra vez a frente entre os Pisanos, Florentinos, Genovezes, e Venezianos; e logo depois tambem entre os povos do Septentrião, formada a famosa liga Hanseatica, em que entrava Lisboa, e o nosso Porto? A's navegações e estabelecimentos, que fizeram os Portuguezes nas vastas costas do Oriente, Africa e America, deveo o commercio toda a incrivel extensão e augmento que hoje tem. E como era possivel, Srs., que Maria I não quizesse tambem, como seu Augusto Pai, emular nesta parte seus Avós, os Joões e Manoéis? Com effeito, Srs., para animar o commercio de seus Reinos, ella modera os direitos que pagavão varias mercadorias nas Alfandegas e portos sêccos, dá

gratificações aos exportadores de generos nacionaes e á importação de alguns artigos estrangeiros que nos erão necessarios, com tanto que seião navegados em nossos baixeis. Izenta de toda a imposição os generos de Gôa, e manda que os outros da Azia só paguem meios direitos querendo fossem para o consumo do Reino, e muito menos quando entrassem por baldeação. Para fomentar a agricultura e commercio do Brasil e Ilhas, prohibe a entrada de arroz estrangeiro em Portugal, concede liberdades e communicação mútua entre a Madeira, Açores e a nova Lusitania, que até então por politica acanhada estava ainda vedada; e dá muitas outras providencias, que não posso referir por não alongar demasiado este discurso. Porém deverei trazer-vos á memoria, que ella soube extinguir o monopolio das companhias do Pará, Maranhão e Pernambuco, que erão não só inuteis e damnosas ao commercio geral de seus vassallos, mas igualmente á futura prosperidade do Brasil. Foi Maria I, além d'isto, para com os seus dominios Ultramarinos tão boa mãe, como sabia soberana; pois não só com repeti-

das providencias muito adiantou sua prosperidade, mas tambem vigiou que essas Provincias arredadas se governassem com justiça e sabedoria, escolhendo para governadores homens honrados e prudentes, e mandando devassar de alguns que parecião haver prevaricado. O commercio da India augmentou muito em seu reinado, e o do Brasil e Africa se elevarão a hum ponto, á que nunca tinhamo chegado até então. Portugal veio a ser outra vez terra de grossos tractos e cabedaes, e a escala geral das nações industriosas. A balança do commercio que em 1777 era a favor da Inglaterra, e contra nós, em quasi 5 milhões de cruzados, não só se poz ao par, mas veio a ser, durante o seu Reinado, muito em favor nosso. Mas como sem navegação e marinha, não haja commercio lucrativo, e o que mais he, nem haja segurança no Imperio, mórmente quando este está repartido em pedaços por quatro mundos, como o nosso; merecêrão estes ramos á Maria I todos os cuidados e desvelos. Para ter promptos e contentes os officiaes de sua marinha, augmenta-lhes os soldos, e regula seus accessos; cria as novas

praças de aspirantes; e anima a mocidade a que empregue seus talentos nos estudos e pratica do mar. Quantos habéis pilotos e officiaes, que hoje impávidos levão nossas náos aos confins do Universo, não devem o que são, e o que sabem aos seus maternaes desvelos? No seu felicissimo reinado não só se repararão muitos dos baixéis, já velhos e arruinados, mas se fizerão de novo 18 embarcações de guerra, com que muito cresceo a nossa armada. Fez mais: levanta huma nova brigada para o serviço do mar; reforma abusos inveterados e damnosos nos armazens e arsenal, e cria por fim um almirantado, que haja de vigiar sobre todos os negocios da Marinha.

Mas não foi só este ramo que lhe mereceo a attenção; tambem procurou ser util á navegação interna de seus Reinos: ella manda abrir huma nova barra em Aveiro, a fazer o novo encanamento do Mondego, e as obras necessarias para desemperdir a barra do Porto, e facilitar sua navegação, obras que continuando com o mesmo zelo e sabedoria na Regencia de seu Augusto Filho, já tem tra-

zido, e hão certo de trazer cada vez mais novos bens á Portugal.

Mas não basta, Srs., ter huma Marinha florecente; para a felicidade e segurança do estado, e para honra da corôa, cumpre que haja hum exercito de terra respeitavel. As nações de territorio e povoação limitada andão sempre em risco de ser opprimidas por visinhos poderosos, se á politica e justiça não sabem reunir as forças phisicas e moraes do seu povo. Verdade he que quando huma nação he valente e generosa, como a nossa; quando os soldados vencem pela disciplina e valor o numero; quando, graças ao Céu, o terreno he defensavel e apanhado, que não póde contra elle haver ataque repentino que se não acuda promptamente com o remedio, então não são precisas tropas numerosas; as quaes hirião esgotar o Erario, diminuir a povoação, e roubar os braços necessarios ás artes e á agricultura, sem a menor utilidade. Como porém a nossa boa mãe folgava mais de conquistar corações dos vassallos, que de tomar cidades e de extender imperio assolando o mundo, e derramando sangue; nunca lhe fal-

tarião forças para rebater aggressões, segurar a independencia, e não ter vendida a liberdade. Se em tempos barbaros, antes da tatica moderna, o numero dos guerreiros decidia das victorias; agora, que a guerra he huma sciencia, a que a Philosophia, que só devia cuidar em felicitar os homens, foi obrigada a servir, emprestando-lhe os seus cálculos e luzes, quem defende os Estados he o saber dos generaes; não he o numero, he o valor e disciplina dos soldados. Nunca os Luzitanos temerão inimigos numerosos, sempre ousarão para defender a sua honra e liberdades, morder a terra, e regal-a com seu sangue. Quando a defeza da Patria, e a honra da corôa o requerem, deixa o Portuguez de boa mente seus lares e trabalhos; e nunca sabe esconder-se, nem fugir da face do inimigo. Até os pais, e os amigos, as esposas e os filhos tem isto por brazão. Por isso o soldado Portuguez sempre mereceo o amor e contemplação de seus Reis, e os deveo igualmente á nossa Augusta Rainha. Ella regula seus soldos e remunerações; concede-lhes que não sirvão por mais de 10 annos contra sua vontade. Applica metade do

rendimento da Obra Pia para soccorro das orfãs e viúvas dos officiaes; e para augmentar os cabedaes desta e outras obras de piedade, impetra da suprema cabeça da Igreja, que se lhes applichem os ordenados cabidos das Igrejas vagas do Padroado e Casa de Bragança; graça que depois se ampliou a outros beneficios. Regula os conselhos de guerra, nomeia inspectores que vigiem sobre a disciplina, e cria por fim huma academia de fortificação e artilheria, com summo proveito do seu exercito.

Estas sabias providencias produzirão todo o seu effeito; e nossas tropas não decahirão, em seu tempo, da gloria dos maiores. Na India, alcançarão contra o Bonçolo victorias, com que conquistamos a paz, em terras e mares, que forão para nós, outr'ora, theatros de miq̃ espantosos triumphos. Assim de mãos dadas a paz fora, e a concordia e actividade em casa, produzião riquezas e abundancia, e augmentavão nossa diminuta povoação. Mas a nossa boa mãi não está ainda satisfeita; ella dá novos soccorros aos necessitados, e novo emprego aos braços que ainda poderião estar

desoccupados, quer que seus vassallos gozent de todos os commodos da vida social; e milhares de obras se reparão ou se fazem de novo para utilidade e gloria do seu Reino. Para asylo da pobreza e orfandade, para desterro da mendicidade, cancro que ha longos seculos roe e devora os estados da Europa; cria no Castello de S. Jorge huma Casa Pia, onde tambem a mocidade he instruida nos Elementos das Sciencias e das Bellas-Artes; e d'onde sahirão depois muitos moços de talentos, que forão brilhar em Coimbra e na Italia. Seria longo referir todos as pontes, fontes, e calçadas que se fizerão de novo; todos os rios que se abrirão e limparão; todos os arvoredos que se plantarão ao longo dos rios e caminhos; e bastará que vos lembreis entre todas estas obras, das duas soberbas estradas de Coimbra e Douro, e da illuminação da capital. Pela administração das Obras Publicas, para que fôra criado Inspector Geral o Conde de Valladares, se despenderão nestas e outras emprezas perto de oitocentos contos, sómente até a sua morte: e quanto não importarão as que forão costeadas pelos cofres de Coim-

bra, Aveiro e Porto! Se o Erario novo que mandou edificar a Magnanima Rainha se podesse concluir, seria mais hum monumento duradouro da grandeza da sua alma; assim como he sem duvida esse Real Mosteiro, que levantou em acção de graças pelos filhos que o Céu lhe concedera! Edificio este, Srs., que, se não emparelha em vastidão com o de Mafra, o iguala pelo menos em perfeição e acabamento; onde os canteiros Portuguezes deixarão mais hum padrão eterno da sua arte. A pompa da sagração correspondeo aos fins e á grandeza de tal obra.

Como sábia e previdente, conhece Maria I, que para felicitar seu Reino não basta sómente fomentar a agricultura, as artes, e commercio, e ter hum bom Exercito e Marinha; mas que cumpre mui principalmente dar ao povo educação scientifica e moral. Com effeito, Srs., para ajuizar de qualquer nação basta attender ao estado das sciencias e dos costumes. Hum Socrates e hum Platão fazem melhor apreciar o estado da antiga Grecia, que todos os seus generaes, e todos os seus templos e palacios. Bem sabeis, Srs.,

que nada ha mais prejudicial ao corpo politico do estado, que a ignorancia de seus membros. O homem sem boa instrucção tem dous motivos para obrar mal, as paixões sem freio, e a ignorancia das suas obrigações. Demais, o homem rico que aborrece ou desconhece o estudo, de necessidade se hade entregar á preguiça; e a preguiça obriga para afugentar a sensaboria e fastio de huma vida indolente, que nos entreguemos aos deleites e á devassidão. Firmão tambem as Letras, Srs., os thronos dos Reis, justos e bons, fazendo amavel e necessaria a obediencia, e desfazendo o orgulho e pretensões das classes que se julgão dominantes. Reflecti tambem, que desde que na Europa alçou a voz esta Santa Philosophia, que homens egoistas ou hypocritas tanto ousão denegrir, não obstante ser o esteio e ornato do Christianismo, não virão nossas eras mais tyrannos; e se nestes ultimos tempos malfadados appareceo hum usurpador ousado, ás luzes da Philosophia devemos o ser precipitado do seu throno, e ter de novo altares a virtude entre os humanos. Mas se a cultura das Sciencias he util e neces-

saria em toda a parte, mais o era em Portugal. Apesar da reforma da Universidade, que tanto honra a memoria do Snr. Rei D. José I, ainda as Sciencias e as Letras não tinham ganhado pés como devião entre nós; ainda em muita parte nos dominavão os Lemures da Philosophia Arabigo-peripatetica; ainda com seu sophismas, e argucias offuscava e sopeava a razão — *Horrendum stridens flammisque armata chimæra*. — Quanta gente entre nós nem se quer suspeitava o que he, e pôde ser o entendimento humano! Sentião, mas poucos sabião reflectir, e pouquissimos conhecião o verdadeiro e o util. Não posso negar, que no anterior reinado se tinham lançado as primeiras linhas para se estabelecerem as sciencias exactas e phisicas na Universidade; mas não tinham estas deitado ainda raizes profundas no sólo Portuguez. Davão-se nossos doutos e applicados quasi exclusivamente á huma pouca de Philologia Latina, e quando muito á Rhetorica e Poetica; mas não sabião ainda avaliar perfeitamente a soberania das Sciencias Naturaes e Mathematicas. Não penseis, Srs., que eu sigo os desvarios de alguns espi-

rítos do nosso seculo, que só achão dignas do seu estudo e applicação estas Sciencias, e desprezão as bellezas das boas artes, e as tarefas da erudição: não, Srs., eu conheço, que por mais sublimes que sejam aquellas verdades, para serem uteis e generalizadas precisão de apparecer com ornatos e atavios, que só lhes pódem dar as Bellas-Letras. Mostra a historia do mundo que as nações que desprezando o gosto da Litteratura, só se derão ao escabroso e arido das Sciencias puras, nunca produzirão huma obra que passasse á posteridade. Estas mesmas sciencias, que exclusivamente cultivavão em pouco tempo, ficarão reduzidas a esqueletos mirrados e sem alma, á huma algaravia de argucias desprezíveis. Mas devo confessar ao mesmo tempo, que se as Bellas-Letras, em hum seculo tão instruido como o nosso, são precisas a todo o homem bem criado, são todavia mais hum ornato necessario, que hum merito exclusivo e relevante; e dellas ao esplendor das Sciencias indispensaveis vai longo caminho.

A Maria I estava reservado elevar as Sciencias ao ultimo esplendor. Com seu favor e

amparo tomão novo vigor as que estavão ainda no verdor da idade, e as mortas e apagadas resurgem, reverdecem, e tornão a accender-se. Ella não affrouxa em sustentar a grande obra da reformação dos estudos da Universidade; estabelece premios annuaes em todas as Faculdades; cria huma cadeira nova de Botanica e Agricultura; e para animar e favorecer as Sciencias Physicas e Mathematicas, ordena que nos dous Collegios Reaes haja sempre hum lugar para cada huma das tres Faculdades Naturaes. Cria em Lisboa, como já ácima referi, duas academias navaes, huma de marinha, e outra de fortificação e artilheria, e em Roma outra para se aperfeçoarem os pintores e abridores, que sahisses das escolas de sua Casa Pia. Com seu favor e protecção faz renascer das cinzas da Academia Real da Historia Portugueza, que durára breves annos, huma Academia de Sciencias que abranja todo o campo do saber humano. Não pára aqui seu zêlo: desejando animar cada vez mais os estudos e a pratica da Zoologia, Botanica, Mineralogia e Metallurgia, que andavão degradadas de seus Reinos pela igno-

rancia e descuido dos tempos, escolhe alguns moços de boas esperanças, entre os quaes por benignidade fui eu tambem contado, para hirem, huns viajar e examinar seus vastos dominios d'Africa e America, e outros estudar e conhecer as Artes e Sciencias da Europa culta; para que depois de voltados ao Reino, fizessem nelle alicerce de huma obra tão nova ainda entre nós, quanto necessaria.

Muitas outras cousas fez Maria, a bem das Sciencias, que seria longo referir; mas bastão estas que rapidamente tenho tocado, para conhecerdes quanto lhe devem seus vassallos; e quanto cumpre que as Sciencias, que ella protegera, lhe paguem esta divida sagrada, alçando o seu grande nome ácima das Catharinas e Philippas.

Se a optima Maria procura com vigor o augmento das Sciencias e das Letras, tambem continúa sobre o throno a dar constantes provas da sua religião e piedade. Não se esquece de allumiar com as luzes do Evangelho, precursoras da civilisação, aos povos ainda barbaros, que moravão em seus vastos dominios; e até anima e sustenta, á exemplo de

seus maiores, as missões da China e outras da Azia. Com que diligentissimo zêlo, com que maduro conselho, não se oppõe á devassidão dos costumes, e á irreligião do tempo, que parecia querer levantar desaforada a cabeça tambem entre os Portuguezes! Mas a religião de Maria não he religião de sangue, he a religião de paz e mansidão, que se acha no Evangelho. Se Phariseos anti-christãos, que pertendem usar da razão para denegrir a razão, cuidavão abusar da sua piedade; bem depressa se desenganarão. Affectavão os hypocritas amar a Deos e erão inimigos dos homens; querião ostentar zêlo pelo bem do estado, quando este ainda sangrava pelas chagas, que lhe abrira o fanatismo; pregavão perseguição, quando esta ainda apresentava ante seus olhos os fructos que gerara a despovoação, a pobreza e a ignorancia. Desta vez se enganarão: a optima Rainha quer emendados os vassallos; mas não quer perder os filhos, nem infamar a gloria da nação que tanto forceja por augmentar e realçar.

Para escapar destes males, para criar dignos ministros do Evangelho, Maria cuida muito na

educação do Clero, e novos Seminarios se levantão, onde se ensinão as Sciencias que requer em seus ministros o Christianismo, para bem da humanidade, e honra da Religião. Com que discernimento e zelo não escolhe a pia Rainha os Parochos e Bispos de seus Reinos e Dominios? Se consente entrar nas Religiões mais alguns noviços, por assim convir aos officios divinos, e ao esplendor do culto, não abre todavia porta franca a taes licenças; e com muita razão assim o faz, porque erão os Religiosos huns homens, que desde que entrarão em Portugal estavão herdando sempre, e não largando nunca; e erão já tantos, que cada dia hiamos nós outros sendo menos, e mais pobres. Não julgueis pórem, Srs., que eu sou inimigo das Religiões claustraes, não por certo; desejo sómente que ellas sejam asylos de Santos e de Sabios, que por isso mesmo serão poucos. Conheço pela historia, que cessando pela irrupção dos povos septentrionaes as escolas publicas na Europa, os claustros reanimarão os estudos, e os sustentarão contra a devastação do barbarismo; sei que a vida laboriosa dos filhos de

S. Bento, e a boa ordem, e economia de seus predios e Mosteiros, forão mananciaes de riqueza, e de prosperidade para a Europa; a elles deveo a Allemanha quasi toda a cultura e rotéa de seus bosques, e os começos da grande civilisação que hoje possue. Eu mesmo conheço ainda agora, nesses tempos de relaxação e decadencia, muitos varões illustres nos conventos, que honrão a religião com suas virtudes, e a patria com seus distinctos talentos; mas, todavia, sou forçado a confessar que a Augusta Maria fez serviços á Igreja, e mercê grande ao estado, quando estabeleceo com a approvação da Santa Sé a Junta encarregada de indagar o estado das Ordens regulares, e consultar seu melhoramento: possa ella satisfazer aos fins da Soberana que a fundou!

Assim hia a Optima Rainha, enchendo a carreira de seus annos, e enchendo tambem a nossa cara Patria de bençãos e felicidades; mas bem longe estava ella de ter o coração contente. Nesta vida mortal, Srs., commummente quando brota huma afflicção, acompanhão-n'a mil outras. Em 1786 morre seu

Augusto Esposo, desunindo o doce laço que estreitara o amor e a virtude. Em 1788 morre na flôr da idade o Principe D. José, com pranto geral dos Portuguezes, que nelle vião hum novo D. Theodosio. Neste mesmo infausto anno acaba tambem a bella e boa Infanta D. Marianna, a quem seguio no tumulo, em bem pouco tempo, seu Preclaro Esposo. E a sensivel Mãe e Esposa não morreo! E teve constancia e fortaleza para resistir a tantos e tão atropelados golpes! Talvez teria acabado, se não fôra o balsamo poderoso da virtude, e a resignação dessa grande alma verdadeiramente Christã. Mas ainda, Srs., novos males estavam preparados: começa então a revolver-se a hydra fatal da revolução Franceza, que já ameaçava de engulir a Europa. Oh minha cara Patria, que perigos te ameação! Mas a excelsa Maria, esse anjo tutelar, apesar da melancolia já profunda, que a abysmava, ainda vigia sobre o teu socego. Parecia de razão e de justiça, que o Céu nol-a devia conservar por longos annos, sã e vigorosa; mas são outros os Decretos da Divindade, e a nós não cumpre penetrar suas razões. Ah! Srs.,

se a alma fortalecida pela religião não succumbe logo, fraqueja porém a humanidade. Pouco e pouco com os males repetidos, que soffria, foi perdendo sua alma a elasticidade mental; e a energia da razão foi afrouxando mais e mais diariamente. E quem sabe se a astucia interessada não amendrotava tambem com fantasmas pavorosos a sua delicada consciencia? Medicos habeis e zelosos tentão prevenir com os soccorros da arte esta publica calamidade; mas em vão, porque o mal resiste a todos os esforços, e só servio seu zêlo para mostrar mais esta vez a fraqueza da Sciencia. Se em 1792 ainda vivia a Soberana para os nossos corações, já não vivia para o Estado. Quando a salvação do Reino e a conservação da Monarchia, obrigarão nosso Augusto Rei a deixar a Europa para hir bema-venturar paizes transatlanticos; ainda estava viva nossa boa mãe, para acompanhal-o além dos mares; mas agora huma terra longinqua, ainda que nossa, possue suas cinzas.

Morreo emfim depois de longos soffrimentos a Optima Maria! feichou-se aquelle templo da virtude, aquelle santuario da bondade e

da prudência! E quão cêdo para os nossos votos se converteo em mausoleo! Oh! caducidade das venturas do mundo! Oh nada da existencia! Oh sonho desta triste vida! Mas não, Srs., Maria não morreo: só morrem aquelles de quem a sepultura não só cerra as cinzas, como a memoria. A morte só levou o que era seu, mas deixou-nos o exemplo immortal de suas virtudes e preclaros feitos. Os que vivem sem fructo da republica, diz um Philosopho Romano, duraráo muito, mas morreráo logo; e porém nunca morrem os que soberão empregar a vida em beneficiar a humanidade. Maria não morreo; porque ainda vive a sua bella alma, vivem suas virtudes no Augusto Soberano que hoje sobre nós impera.

Agradeçamos pois ao Céu, o ter dado a Portugal, quando mais necessitava, hum thesouro de bondade, de sabedoria e de prudencia. Já dizia um Philosopho pagão:— Que não havia no mundo dom dos Deoses de maior beneficio e formosura, que dar-lhe Principe casto e santo, e mui similhante á Divindade—
Quod enim præstabilius est, aut pulchrius munus

deorum, quam castus et sanctus et diis simillimus princeps.

Maria Augusta! se tanto Vos devi pela escolha que de mim fizestes para hir recolher algumas luzes em terras estranhas e climas apartados: que tenho eu com que possa agradecer-Vos, senão manifestar hoje á face do Universo, por meio desta Oração desalinhada, o amor e lealdade que sempre consagrei á Vossa Real Pessoa e ao Throno, que tanto honrastes com Vossas virtudes! Assim podessem minhas forças ter correspondido a meus ardentes votos! Mas se á par da limitada musa de hum Virgilio houve tempo em que os rudes e desconcertados versos de hum Ennio não deixarão de agradar pela singeleza natural da expressão e do caracter: porque, não esperarei eu tambem, que este meu sincero, ainda que tosco Elogio, seja apreciado pelos vindouros, que nelle acharão, ao menos, hum bosquejo do que fostes, e do que fizestes! Bem sei eu, que apesar de toda a minha vontade, ficou o cabedal do discurso muito áquem da riqueza do assumpto, peccando antes por mesquinho, do que por sobrejo. Mas se a Divindade folga mais com pou-

cas palavras nascidas do coração, que com longos hymnos; espero tambem, que a Vossa alma lá do Céu, onde de certo estaes, acceitará esta tenue mostra de amor e de respeito, com aquella bondade maternal, tão propria Vossa, quando vivieis entre nós.

DISSE.



EMPRESA TYPOG. (E. L.) DOUS DE DEZEMBRO
66 — PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO — 66

46
AVO
-01
96

510526

